

“Corregirlo sería matarlo”

Entrevista a Douglas Diegues, poeta em “portunhol selvagem miri michi”.

Pablo Gasparini, Ana Cecilia Olmos, Maite Celada (USP)

Criado em Ponta Porã, fronteira do Brasil com o Paraguai, Douglas Diegues (Rio de Janeiro, 1965) desdobra uma língua poética que combina erraticamente os imaginários do portunhol e do guarani numa escrita que se pretende libertadora das instituições literário-linguísticas. Alguns de seus livros são *Dá Gusto Andar Desnudo por Estas Selvas* (Travessa dos Editores; Curitiba, PR, 2003); *Uma Flor na Solapa da Miséria* (Eloisa Cartonera, Buenos Aires, 2005); *Rocio* (Jakembo Editores, Asunción, Paraguay, 2007) e *DD Erotikon & Salvaje*, (Felicit Cartonera, Asunción, 2009). Convidado para o número sobre “fronteiras” de nossa revista, Douglas aceitou responder as perguntas via correio eletrônico e em seu “portunhol selvagem”. O espírito libertário da proposta de Douglas invadiu, discretamente, a formulação das perguntas que oscilaram entre o português e o espanhol. Decidimos apresentar o prazeroso diálogo sem nenhum tipo de intervenção. Encerra a entrevista um poema inédito, que o poeta, em consonância com a generosidade com que se posicionou nesta troca, nos enviou.

Em qual língua você gostaria de responder para a nossa revista: em português, espanhol, portunhol ou “portunhol malhado de guarani”?

Prefiro responder vostras perguntas em mio portunhol selvagem michi miri. Me expresso mejor em portuñol selvagem miri michi. Y me expresso mejor por escrito. Avanti.

O que é que o portunhol selvagem michi mirim tem? Em que consiste, para você, a potência de dizer nessa língua e, mais precisamente, de nela dizer poesia?

El portunhol michi miri tem uma gracia que impacta: es bizarro, feo, bello, contudente, desprendido, menor que menor, dibertido, alucinógeno, anacronico, selvagem, civilizadíssimo, delirante, en fin... Non se trata dum portunhol encebado desde um gabinete, pero sim ouvido primeiramente en las calles de la

frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer alli los domingos kuê. La primeira lengua en la kual me he expressado quando aprendi a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática. Por que selvagem? Porque que brota de las selvas de mio corazon y de los corazones de los habitantes de las selvas desconocidas de la frontera del Brasil com el Paraguay. Quanto a lo de la potencia, es muy original el portunhol selvagem, es uma lengua neoantigua, que existe como habla y escritura, pero non como idioma y me permite dizer coisas antiguas de forma nueva, además de permitirme hacer poesia ou prosa com um power bem mais amplo de expressões que se escribiera limitado al português brasileiro ou al castellano paraguayo apenas, una potencia que consiste, obviamente, en selvagem y hermosíssima liberdade de linguagem.

Borges declarou em alguma oportunidade que, assim como Goethe sentia que devia lutar com o alemão para escrever poesia, ele sentia que estava condenado a escrever poesia em espanhol e que teria gostado de escrever poesia em inglês. Nesse sentido, Barthes diz que, para o escritor, a língua é da ordem do dado, uma natureza, algo que ele não pode escolher. Poderia ser pensado nesse sentido o seu portunhol selvagem, levando em conta que foi a primeira língua na qual você se expressou, ou há algo da ordem da escolha e da invenção deliberada nela?

Yo poderia hacer um par de poses, non? Y dizer esto y aquello. Pero para mi escribir en portunhol selvagem es muy dibertido. Escribir em portunhol selvagem nunca foi algo massante, dificultoso, aburrido. Poco importa se el portunhol selvagem me escolheu ou si yo lo he escogido. Antes de escrever em portunhol selvagem, escribía em português brasileiro, pero he quemado uma pequena montaña de textos escritos em português brasileiro. Por qué? Porque mio português brasileiro ou fronterizo ou paraguaio, como sea, sempre me ha parecido um negócio muito falso. Entón empezei a escrever em portunhol selvagem. Y me senti muy bien. Escribir em portunhol selvagem era muito mais vuelo y dibertido. Mandei mio primeiro libro ao Manoel de Barros, que é mio amigo y mio abuelo selvagem, y ele me mandou uma carta dizendo que de hecho había yo encontrado mio verdadeiro modo de ser, mio teko ete, mia escritura propia com leche personal e intransferibelle. Puedo agregar que, em materia de portunhol selvagem, non existem verdades absolutas. El portunhol selvagem es algo que segue inacabado, digamos, abierto, indomabelle. Además, pienso, non existe portunhol selvagem único. Cada um tem suo propio portunhol selvagem. Mio portunhol selvagem pode incorporar palabras de todos los idiomas que existem, indigenas, aliens, civilizados. El portunhol selvagem non tem limites!

Isso que você chama de “pose” poderia ser entendido como uma determinada “política da literatura”? No seu entendimento o portunhol selvagem permitiria “zafar” dos discursos por demais “acadêmicos” ou “teóricos”?

Podería fazer uma pose nuebamente! Y justificar assim el portunhol selvagem com alguma respuesta que seja conbincente y pueda engatusar a los teóricos profesionales ou non... Pero que hermoso va a ser kuando empiezen a escribir ensayos akademikos ou teóricos em portunhol selvagem! Diría que el portunhol selvagem es como água. Se ubika siempre en lugares bajos. Y sirve a todos sin distincion: teoricos, lectores comuns, profesionales, amateurs, doctorandas, articulistas, periodistas, etc. Politicamente, es um negócio incorrecto. Sua naturaleza escurridiza non se deixa domesticar por uma hegemonia absoluta sobre el resto de los domínios teóricos ou akademicos. Es una disfunción literaria incorrigíbellle. Corregírlo sería matarlo. Gramatificarlo equivale a suicidarlo. No es competitivo, non quiere ser, simplemente lo es, com su mambo irracional, su libertad sem limites. Es local, es internacional, es transnacional, es literario, es post literario. Es uma neo lengua, a falta de um termino mejor o peor, desregulada y desregularizante. Tiene una gracia que molesta y encanta a la vez. Es menos literario y mais literario. Y non cuenta com apoyo financeiro estatal, editorial, midiatico, para gozar de una situacione pibilegiada respecto a los otros modos de entender, hacer, vivir la literatura de manera transgressora e insurrecta... Cada estado tiene sua literatura ofiziale. Y el portunhol selvagem es uma literatura non-oficial que pode ser situada, temporariamente, nesse lugar ninguno, entre ambos lados de las fronteras. ¿Me desexplico?

O portunhol de Perlongher faria parte desse “portunhol selvagem”? Ou acha que o portunhol no caso do Perlongher está “explicado” ou “pretextado” demais, isto é, que o encontro do portunhol com a poesia neobarrosa seria uma dessas “poses” das quais você diz querer escapar?

Nestor Perlongher fue uno de los primeiros a valorar el portunhol como lenguaje literário possible entre los lenguajes oficiales, ofizialistas, hegemonicos, nacionales. Perlongher percebeu las virtudes y las misérias del portunhol. Me encanta el modo como Perlongher lee el portunhol, aclarando que la lengua es importante, pero non lo es todo, pues que un boludo es un boludo, como también lo diría titia Gertrude, escribir en portunhol non es garantia de puerra ninguma... Non saberia dizer si el encuentro del portunhol com la poesia neobarrosa es uma pose ou non, sinceramente conozco poco lo neobarroco y lo neobarroso, he leído um par de antologias, he leído un poco a Lezama Lima em suo fabuloso talento verbal, he hablado con uma hermosa Bomboncita sobre el tema, me encantan Osvaldo Lamborghini com sus frases y su ritmo impecabelles, el proceso mais que el producto, pero nunca he llegado a ninguma conclusiones definitiva... Myriam Ávlia, que me leu y escreveu sobre los sonetos salvajes,

dijo que mio portunhol non era uma encenacione, mas uma coisa visceral... Particularmente, siempre he preferido eso: ser visceral em vez de hacer pose, ser mais yo que eu mismo...

E como descreveria o portunhol de Wilson Bueno em Mar Paraguayo?

Descubrir Mar Paraguayo (antes de que apareciera en libro) en las páginas del glorioso Nicolau, la premiada revista literária que el propio Bueno dirigía, fue como descubrir um papyro raro del futuro, non escrito aun, pero ya publicado... Hermoso fue el impacto, em San Pablo, en la biblioteca dum centro cultural, quando he leído por primeira vez algunos fragmentos del Mar Paraguayo. Y me empecé a perguntar: ¿cómo hacer literatura em portunhol después de Mar Paraguayo? Essa idea me anduvo pensando por mais de 10 años. Enton empecé a hacer mios sonetos selvagens shakespearianis, que son sonetos y non lo son a un solo tempo. Y creo haber logrado hacer literatura em portunhol selvagem sem ser um emulo, sem ser um imitador vulgar del Mar Paraguayo... Porque el portunhol de Wilson Bueno me parece algo muy dele, muy selbajen, muy wilsonbueniensis, com su musica marafa, sus lágrimas de sangre de trabesti, su vibra própria, su guarani kontrabandeado, sus personajes di kontrabando, suo tono singular, imprevisible, elaborado, experimentale, transmarafonico, intransferible, bizarro, fantasmagoriko, elegiaco por vezes, com sus hermosos errores, que além de romper la frontera entre las lenguas de la triple frontera, se impone como literatura e post literatura a la vez, como transpoiesis de frontera com origem propia... Considero Wilson Bueno uno de los proto inbentores de lo que llamo portunhol selvagem. Te puedo decir también que Haroldo de Campos em muchos fragmentos de Galáxias inventa um portunhol selbagem diferente, que se nutre de las palabras que circulan en las selvas urbanas de las big citys del mundo, um portunhol selvagem kosmopolita sem una única coma, um mix de lenguas que incorpora el portunhol, el latim, el alemán, el ingles, el italiano, post literário a full. Puedo agregar que penso nel portunhol selvagem de Wilson Bueno, y nel mix de lengua de Haroldo de Campos, y nel portugues selvagem de Souzaandrade del Inferno de Walt Street y nel portunhol primitibo de los trovadores galaiko portugueses como algunos de los precursores del movimiento del non-movimento del portunhol selvagem que puede ser considerado también el primer non movimiento post literario del mundo...

¿Hay algún momento, alguna práctica en la que usa otras lenguas que no sea el portuñol selvage michi miri? (me imagino que puedo escribirlo así, huyendo de cualquier padronización).

El portuñol sauvage es la base, la base antropofágica, neo antigua, que puede incorporar, además del guarani, palabras de otras lenguas, sean estas lenguas

selvagens, tipo amerindias; lenguas civilizadas, ouropéias and anglo-americanas; y lenguas asiáticas, como el chino ou el japoses, ou palabras del árabe, enquanto registro fonético. Pero la liberdade de linguagem, repito, non tem limites. Es uma delícia y una dádiva la gracia de poder rechazar padronizaciones, ortografías fixas, ortodoxías fonicas, ortopedías petroglíficas, em beneficio de la liberdade selvagem... Liberdade de linguagem como teko eté (em guarani el modo de ser autentico, verdadero, original nel sentido que tiene una origem própria) de la experiencia de insistir fazer literatura usando lo portugués como base, mezcla fértil de posibilidades, tercera infancia de la lengua irradiante, pero em mio caso antropofágico nel sentido oswaldreandadiensis. Esse es el portunhol selvagem que me interessa. Una idea que tiene un power propio. Que non le debe nada a nadie. Que es un fenomeno de la naturaleza. El portunhol selvagem que pode brotar de los corpos. El portunhol selvático que viene sendo inventado desde los trovadores galaiko portugueses como Martim Codax et alia, passando por Sousandrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos y Wilson Bueno...

¿Cuál es esa lengua (o lenguas) y en qué espacios surge, con qué interlocutores?

Essa lengua es una non lengua neo antigua, podemos ubicar vestigios del portunhol selvagem entre los trovadores galaiko portugueses y en los kapos del macarrónico medieval, surge entre las fronteras de las lenguas oficiales, y tem como interlocutores los lectores cansados de la normalidade literaria, por um lado, y de las literaturas aburridas, por outro... Um de los negocios hermosos de mio portunhol selvagem es que ele pode ser feo, bizarro, bello, tuerto, ruprestre, diferente, dislexico, tarová (loco em guarani), etc, pero dificilmente será aburrido... Mismo que voce non entenda muito claramente, se puede sentir algo que solamente el portunhol selvagem te lo puede dar...

Su relación con el portugués parece estar marcada por el goce y por eso se justificaría. Y no parece estarlo por una postura política (aunque los efectos de ese goce lo sean) ni lingüística, ni literaria (como era el caso de Kafka quien, de acuerdo con la interpretación de Deleuze y Guattari, llevaba hasta sus extremos el alemán de Praga, como una lengua menor). ¿Cómo definiría su relación con esa o esas otras lenguas? ¿Está o están marcadas por otros rasgos?

Yo diria que puede estar marcada también por el goce como postura post politika. El goce como post literatura. El goce como liberdade de lenguaje. Todas las lenguas tienen su poesia. Non creo en la existencia de lenguas superiores ou inferiores. Nim creo em que existan lenguas maiores ou menores, mejores ou piores, altas ou baixas. Todas las lenguas del mundo son importantes para

mio portunhol selvagem, todas las lenguas podem ser amadas a la moda antigua. Diria que tengo um caso de amor com las lenguas de la triplefrontera. Um caso de amor libre, que non excluye a otras lenguas, nim deixa de lado a las lenguas que non circulan por la triplefrontera. Todas las lenguas podem ser aproveitadas para se escrever um poema-nouvelle ou um relato-poema ou uma proto-nouvelle en versos desde el portunhol selvagem. Hoy dia creo en que existem duas vertentes literárias que se imponem sobre cualidades y logros estéticos y exigencias y verdades inventadas y bersiones falsificadas: las literaturas aburridas y las non aburridas. Yo intento hacer del portunhol selvagem la base para fazer uma literatura propia, non aburrida, que los lectores (que non sei que son nim quem serán) puedan ser disfrutar de este y de los outros lados de las fronteras. A la vez, esta experiencia, este goce como postura post politica, post nazionale, post real, es um riesgo que decidi correr, sacrificando todas las regalías que te rodean cuando escribis nel contexto de una lengua oficial, com apoyo estatal, sistema de premiaciones, promociones nacionales et alia...

Para finalizar, poderia nos comentar sua prática de tradução para o seu portunhol selvagem?

Desde que publiqué el primer libro, vengo teletransportunholizando textos que me interessam al portunhol selvagem, como fragmentos de Gombrowicz (Ferdidurke, a partir de la versión de Virgilio Piñera et alia y “Kontra los poetas”, a partir de uma versão ao portugues brasileiro de Marcelo Paiva)... Uso vários nombres para realizar esa operación de traduzione inbentada, digamos: transdeliramientos, transinbenciones, transdidiversiones, teletransportunholizaciones... Me gusta la idea de teletransportunholizar, que implica em teletransportar textos de autores de todas las direcciones y épocas al portunhol selvagem del siglo XXI. Procuero traducir el espirito del texto, el quem de la poesia, el teko ete (o modo de ser de la energia del texto) em vez de traicionarlo fielmente ou simplemente traicionarlo ou traducir literalmente apenas el significado. Algunas vezes me parece que tengo exito, como en la teletransportunholización del Ayvu Rapyta, joya rara mbyá guarani de la literatura ameríndia. Considero también esas operaciones como ejercicios free-style, training para la própria escritura, y a la vez, ejercicios de teletransportunholizaciones... Pretendo también juntar em um bolumen intitulado Teletransportunhol Selvagem las transdeliraciones que fiz de Edgar Allan Poe, Malcom Lowry, Baudelaire, Rimbaud, Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Ezar Pound, entre outros poetas que curto, teletransportando assim textos de distintas épocas y lenguas a esta língua neoantigua que es mio portunhol selvagem del siglo XXI...

Me muero
Me muero
Me muero por ver
tu sonrisa hermosa
a la hora de la llubia
La mudanza está suelta nel aire
La mudanza está escondida
dentro de las cosas y de los bichos
sean personas sean mbói chini egipcias
La mudanza está nel sol
La mudanza está en las estrellas
La mudanza está em mis bolas
La mudanza está en todas las partes
La mudanza está mudando sem parar
La mudanza está siempre feliz
La mundanza nunca se aburre de ir mudando
La mudanza está tan linda
La mudanza baila como aquella diosa hindú de ocho brazos que non recuerdo ahora
como se llama
Hasta en la concha del toro
la mudanza funciona lindamente
La mudanza es el forastero
que llega y te roba un par de besos salvajes en un taxi
y después te mirás al espejo y te sentis mais bella que antes
La mudanza quere verte feliz
La mudanza está siempre despierta
La mudanza está en tus siete lábios made in san bomba
La mudanza non pide permiso para mudar
La mudanza no se duerme nunca
La mudanza quere ver a todos felizes incluso los cara de culo!
La mudanza quere ver a todos felizes incluso los cara de culo!
Las cosas non van a parar de mudar never more amore
Todo tiene que seguir mudando
Nada puede parar de mudar

Non me preguntes por qué
Todo tiene que mudar
para mejor o para peor
Non entiendo por qué carajo las cosas tienen que mudar sin parar
para peor o para mejor
Mudanza
Mudanza
Mudanza
Mudanza
Oiko poran
Orekó kunu'ú puréte
Mamáme la poronga es el nombre
de la disco mais chururú del proximo verano paraguayensis
Ojalá todo mude para mejor!
Douglas Diegues, 2011